

Entre *lives* e dossiês: o uso das redes sociais digitais por revistas acadêmicas de História

Raquel SILVEIRA MARTINS¹

Resumo: Este artigo foca nas revistas acadêmicas de História e procura entender como a pandemia de COVID-19, entre 2020 e 2021, estimulou a presença desses periódicos nas redes sociais digitais. Para isso, foram analisadas as redes de revistas classificadas como A1 pelo sistema Qualis Capes na área de História. O objetivo não é apenas apresentar dados quantitativos, mas explorar as formas de uso das redes por essas revistas, considerando postagens, comentários e links como fontes de análise histórica. O que se evidencia é que as revistas têm aproveitado o potencial das redes sociais para divulgar suas publicações e criar novas formas de diálogo e discussão com a comunidade de leitores e autores. O contexto da pandemia intensificou essa produção, graças a ferramentas como transmissões ao vivo, maior tempo de interação nas redes e a oportunidade de alcançar um público geograficamente distante, mas interessado. Além disso, destaca-se que a presença das revistas nas redes sociais digitais desenvolve novas formas de comunicação, ampliando o alcance entre leitores e pessoas interessadas nas pesquisas acadêmicas de História.

Palavras-chave: Redes sociais digitais; Pandemia COVID-19; Publicações acadêmicas.

¹ Doutoranda em História e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Ouro Preto. Graduada em História pela mesma universidade. UFOP. Ouro Preto. MG. Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5250-7645> E-mail: raquel.silveira@aluno.ufop.edu.br

Between lives and dossiers: the use of digital social networks by academic History journals

Abstract: This article focuses on academic History journals and aims to understand how the COVID-19 pandemic, between 2020 and 2021, boosted the presence of these periodicals on digital social networks. To achieve this, the networks of journals classified as A1 by the Qualis Capes system in the field of History were analyzed. The goal is not just to present quantitative data, but to explore how these journals use social networks, considering posts, comments, and links as historical sources. It is shown that journals have been leveraging the potential of social networks to promote their publications and create new forms of dialogue and discussion with the community of readers and authors. The pandemic context has intensified this production through the use of tools like live streaming, increased time and engagement on social networks, as well as the opportunity to reach an interested but geographically distant audience. Furthermore, it is emphasized that the presence of journals on digital social networks develops new forms of communication, expanding the reach of readers and those interested in academic History research.

Keywords: Digital social networks; COVID-19 pandemic; Academic publications

Introdução: separados, mas não isolados

O que está acontecendo em 2020? Quem pode nos explicar? Quem poderia indicar o que nos espera nos próximos meses? O que foi mesmo que nos aconteceu nos últimos dias? (Sá *et al.*, 2020, p.9)

Em 18 de setembro de 2020, as perguntas da historiadora Dominichi Miranda de Sá publicadas inicialmente online entrelaçavam a perplexidade diante de uma sucessão de acontecimentos em um ano que chocou as perspectivas de presente, passado e futuro, atropelou meses e suscitou um interminável encadeamento de dias iguais. O alerta recebido de uma nova pneumonia em Wuhan (China) pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em dezembro de 2019 em dois meses se caracterizou como uma nova pandemia. Em janeiro daquele ano, as autoridades chinesas já haviam confirmado que se tratava de um novo tipo de coronavírus.

Naquele março de 2020 a maioria dos brasileiros desconhecia o conceito de pandemia, afinal a última vez que a OMS havia usado esse termo fora em 2009 quando da pandemia da gripe H1N1. No entanto, logo essa palavra junto a conceitos como *lockdown*, isolamento e variante se tornaram rapidamente comuns, como relembra Dominichi de Sá sobre aquele primeiro semestre de 2020:

Houve uma corrida aos mercados em diversos países, para estocamento de alimentos, pois imperativos como “achatamento da curva epidemiológica”, com vistas à preparação dos sistemas de saúde para o recebimento gradativo de pacientes graves, “isolamento social”, “distanciamento social”, “quarentena” e “lockdown” ganharam as páginas de veículos diversos de informação. Também se tornaram decretos governamentais e esvaziaram as ruas do planeta. Estima-se que em torno de 3 bilhões de pessoas tenham entrado em quarentena no mundo nos primeiros meses da doença. (Sá *et al.*, 2020, p.11)

As medidas sanitárias de mitigação da crise incluíam cuidados de higiene pessoal – lavagem das mãos com sabão, higienização com álcool em gel e uso de máscaras – e principalmente, de forma coletiva, controle de aglomerações e distanciamento o que levou a medidas de quarentena e *lockdown*. Escolas e universidades foram fechadas, eventos e festas populares cancelados, toda sorte de encontro que incluísse o contato de mais pessoas foi quase instantaneamente evaporado.

O termo “isolamento” que antes designava uma orientação médica para pacientes doentes acabou sendo várias vezes replicada como “isolamento social” indistinguível

entre doentes e não-doentes. Acabou, por fim, a caracterizar o modo de vida naqueles tempos pandêmicos. No entanto, recordando o envio do primeiro email em 1971 que inaugurou o uso da @, Trazíbulo Henrique (2020) assinala que o isolamento era físico e não social, ao contrário, pois atitudes de viés social e/ou profissional “promoveram um grande espalhamento social, aqui na acepção de difusão social, irradiação social e alastramento social.” (Henrique, 2020, p.6)

A autorização para consultas em telemedicina; as recomendações de que as crianças participassem de interações com familiares através do uso de tecnologia (Alvarenga *et al.*, 2020) ou ainda um cortejo com a imagem do Senhor do Bonfim em Salvador/BA demonstravam que socialmente as pessoas não estavam isoladas, pois se conectavam de inúmeras formas criadas dentro da nova dinâmica. Dessa forma, tal qual o e-mail enviado a distância, a internet se descortinava como possibilidade potente de conexão.

Uma vez que universidades estavam fechadas, o trabalho, encontros e debates em ambientes acadêmicos também foram prejudicados. Entretanto, a comunidade acadêmica também não esteve isolada. Atividades diversas foram engendrados em meio ao medo da infecção, falta de financiamento e o desenvolvimento de habilidades nunca antes exigidas. Nesse contexto, os historiadores acadêmicos também se reinventaram e o presente artigo busca lançar luzes sobre a presença das revistas acadêmicas de História no ambiente das redes sociais digitais para a aproximação e ampliação de um público leitor-autor e na construção de novos objetos de debate da pesquisa histórica.

Pereira, Marques e Ramalho (2022) acrescentam que diversas iniciativas que nasceram na comunidade acadêmica apartada pelas medidas de isolamento social físico pretendiam manter uma sensação de comunidade entre determinados grupos que haviam perdido a convivência dentro do ambiente universitário. Dentre essas muitas – pra não generalizar em todas – usavam os serviços de plataformas digitais e redes sociais.

As redes sociais digitais são novas formas de ser “social” com impactos diferentes na sociedade contemporânea a partir das limitações e possibilidades oferecidas no ciberespaço. Desse modo, as conversações, interações e outras formas de sociabilidade são constantemente modificadas, adaptadas, utilizando as possibilidades e características das ferramentas digitais. (Recuerdo, 2012)

Várias instituições oficiais também passaram a criar e interagir no ambiente das redes sociais digitais. Em algum momento durante a primeira década do século XXI, esses espaços passaram a ser usados tanto de forma privada quanto de forma profissional e institucional. Ao criar um perfil em uma rede social digital e manter ativos os canais de interação com outros usuários/perfis, esses “perfis oficiais” também se apresentam à sua comunidade num espaço de cena pública, além de buscar impulsioná-la.

Tendo em vista que várias revistas acadêmicas de História com públicos leitor e autor bastante específicos também aderiram a essas plataformas busca-se aqui compreender as estratégias para manter essa comunidade em conexão num período de isolamento físico originaram iniciativas importantes nas redes sociais digitais. Na esteira desse pensamento compreende-se que as revistas acadêmicas formam laços sociais e acadêmicos tanto entre os envolvidos com a construção da publicação quanto entre os autores-leitores, como é bem discutido no trabalho de Wagner Geminiano dos Santos (2018). Nesse sentido, vale destacar que antes do contexto pandêmico já havia inserção de iniciativas de história pública digital pelas revistas, no entanto o contexto evidentemente impulsiona esse movimento, tornando-o mais diverso.

Recorte Metodológico: revistas de História ontem e hoje

De modo a compreender essas iniciativas dois marcadores foram essenciais: recorte temporal e a delimitação das revistas a serem pesquisadas. Assim, considerando que grande parte da historiografia profissional no Brasil está ligada às universidades, o período em que essas ficaram fechadas devido à crise da COVID-19 foi o marco principal: março de 2020 a dezembro de 2021, respectivamente quando as universidades foram fechadas e quando as aulas retornaram totalmente presenciais.

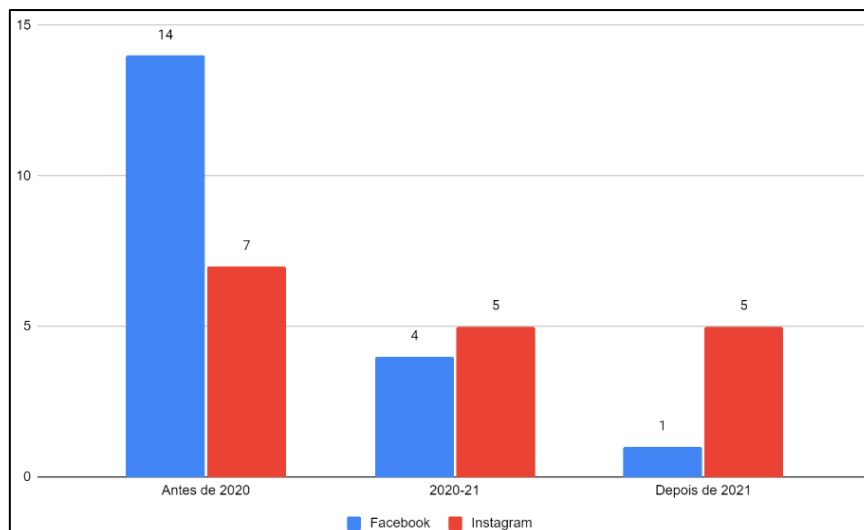
São inúmeras as revistas acadêmicas da área de História, usou-se um marcador reconhecido pela comunidade: o sistema Qualis de classificação de periódicos da Capes. No sistema online Sucupira são arrolados 361 registros de periódicos classificados como

A1 no quadriênio 2017-2020 para a área de História. Desses 36 são de revistas brasileiras que tratam especificamente de estudos na área².

A partir da enumeração dessas revistas buscou-se a presença delas em duas redes sociais – *Facebook* e o *Instagram* –. Ao todo foram encontrados 36 perfis, sendo 19 páginas no *Facebook* e 17 perfis no *Instagram*. Considerando como ativas as contas que receberam postagens depois de julho de 2023, – apenas – 10 páginas estão ativas no *Facebook* e 14 perfis no *Instagram*.

Tendo em vista a data de criação desses perfis/páginas é possível afirmar que ocupar as redes sociais digitais para congregiar leitores e autores é um movimento antes da pandemia em consonância com a recomendação da Scielo de que fosse feita a divulgação dos periódicos “nas redes sociais mais pertinentes, utilizando o Twitter, o *Facebook* e/ou outros sistemas.” (Scielo, 2014, p.20) Observa-se assim que os perfis foram construídos em momentos bem diferentes, como pode ser analisado a partir dos dados do Gráfico 1:

Gráfico 1: Época de entrada



Fonte: Elaborado pela autora

² Muitos periódicos arrolados inicialmente ligando-se a estudos específicos da Geografia, Artes Cênicas e outros. Aqui foram analisados aqueles vinculados aos estudos historiográficos ou junto a áreas como Educação e Sociologia.

Percebe-se que os anos pandêmicos foram aqueles em que as revistas modificaram a adesão a uma ou outra rede e inverte-se a criação de novos perfis: antes no *Facebook*, depois no *Instagram*. Essa é uma tendência dos internautas brasileiros, como constataram Silva e Cordeiro (2020), ressaltando a ampliação do uso do *Instagram* no período. Observa-se ainda que algumas revistas abandonaram suas páginas no *Facebook*, mantendo atualizado apenas no *Instagram* ou outras redes.

É o caso, por exemplo, da Revista de História da USP que tem o maior número de seguidores nas duas redes e cuja página no *Facebook* criada em 2012 está abandonada desde setembro de 2020. Assim podemos afirmar que as revistas estão nas redes sociais digitais há tempo considerável a maioria antes da pandemia. E mais, nesse período novos produtos vinculados ao trabalho desenvolvido pelo periódico buscando ampliação de sua comunidade foram constantemente sendo construídos e renovados.

Essa afirmação fica mais clara quando analisamos os diversos perfis da Revista de História da USP³. A escolha da equipe editorial por estender as discussões através das redes sociais digitais é apresentada como uma das ações pela comemoração dos 70 anos de fundação da revista em 2020. Em vídeo da época no canal oficial no YouTube (@RevistadeHistoriaUSP), o então editor prof. Dr. Júlio Pimentel Pinto esclarece que a revista abria novas frentes de diálogo com os leitores através de canais em que a comunicação seria mais ágil e também permitiria novos formatos de texto mais contemporâneos, tais como o próprio canal no *YouTube*, podcast e um blog.

Dialogar é a palavra que está por trás dessas iniciativas novas da revista de História nos seus 70 anos. É dialogar, conversar...é abrir espaço para quem gosta de História, pra quem se interessa por história, pra quem quer conhecer mais. Frequentem, por favor, esses novos espaços. Vai ter coisa bacana aparecendo toda hora pra que a gente mantenha esse lugar, esse espaço, esse canal de diálogo. (Revista de História USP, 2020)

No vídeo curto sem grandes esquemas de cenário ou roteiro, ficam claros os objetivos da revista em investir nas redes sociais digitais. Primeiramente, há a intenção de ocupar esse espaço digital como forma de apresentar textos menos complexos que os

³ Embora aqui tenha-se tomado como exemplo a Revista de História da USP, vale ressaltar que a presença nas redes sociais digitais é uma tendência entre os periódicos.

densos artigos escritos por e para especialistas em História e que por causa da dinâmica da revista nem sempre acompanham as discussões contemporâneas no país.

A palavra-chave para entender a posição da equipe editorial é sem dúvida: diálogo, repetida algumas vezes pelo editor. Não seria ousado afirmar que a proposta com as redes sociais é alcançar um público mais amplo e menos especializado. Abrir assim espaço de escuta *e fala* para quem se interessa por História e quem a produz na academia.

Provavelmente o vídeo da Revista de História da USP foi produzido bem próximo temporalmente da publicação de Bruno Carvalho e Ana Paula Teixeira (2019) sobre divulgação histórica. Já no início da obra os organizadores afirmam que são poucos os historiadores que se dedicam a divulgar o próprio trabalho para o grande público. Aqueles que o fazem não tinham uma grande audiência. Afirmação mais que reafirmada ao observar o número de seguidores das revistas analisadas que no *Facebook* giram em torno de 5 mil enquanto no *Instagram* quando muito chega ao número de dois mil, com exceção da Revista de História da USP.

Entretanto, nem sempre foi assim, no século XIX a presença de historiadores em instituições de imprensa – veículos que atingiam um público maior – era largamente difundida através da escrita de uma gama diversa de documentos desde obituários à documentação de viagens que poderiam posteriormente ser lançados em formato de livro. É daquele século também práticas que podem ser hoje consideradas de divulgação histórica como os conhecidos concursos sobre História do Brasil do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e outros escritos. (Carvalho; Teixeira, 2019)

Carvalho (2021) assinala que apesar de existir o termo divulgação científica, o mais comum na época era o uso da expressão “vulgarização científica” que seria difundir os conhecimentos científicos para a sociedade que surgia depois da segunda revolução industrial concentrada em cidades e informada pelos meios de comunicação de massa. Vergara (2008) esclarece que o termo “vulgarização científica” usado no século XIX foi no decorrer do tempo caindo em desuso, sendo gradativamente substituído por “divulgação científica” e, por fim, considerado de forma pejorativa.

No que tange ao contexto brasileiro a vulgarização científica vai ganhar novo e importante salto com o processo de modernização do mercado editorial em especial com a fundação da Companhia Editora Nacional, em 1925. A editora investiu na produção de

coleções, muitas delas voltadas ao conhecimento histórico, bem como lançou sob o selo “Brasileira” importantes obras da historiografia brasileira escritas por Sérgio Buarque de Hollanda e Gilberto Freyre, por exemplo. (Carvalho; Teixeira, 2019)

“A ‘revolução’ editorial da companhia Editora Nacional, foi fundamental para conectar os historiadores e a sua produção com o público-leitor da primeira metade do século XX.” (Carvalho; Teixeira, 2019, p.11). Somados a novas formas de gerir e produzir livros, – como a qualidade de ilustrações, do papel e novas formas logísticas que impactaram na circulação de livros no Brasil – os negócios editoriais só se expandiram durante o século XX, embora com a presença ocasional de historiadores como constatam Carvalho e Teixeira (2019) e Perli (2021).

As iniciativas editoriais voltadas a divulgação de História que emergem no século XXI tem outro caráter, inúmeras estão na verdade associadas a nichos editoriais comerciais. Nas reflexões de Jurandir Malerba (2014), as diversas revistas de divulgação histórica surgidas no início da década de 2000 chamaram a atenção de “editores, publicitários e homens de mídia em geral [que] descobriram que o passado pode representar bons negócios.” (Malerba, 2014, p. 29). São projetos que objetivavam lucrar com edições em larga escala e qualidade científica no mínimo duvidosa.

Em estudos sobre revistas de divulgação histórica de ampla circulação, Fernando Perli (2021; 2017) distingue dois tipos dessas publicações ligadas a projetos editoriais bastante distintos:

Algumas, dentre as mais antigas, se projetaram no segmento de revistas com temáticas de história, tendo o suporte de editoras e de grupos econômicos interessados no negócio. Suas composições, em grande parte, resultam do envolvimento de editores jornalistas e colaboradores com formação em comunicação social e história, dispensam conselhos editoriais ou científicos e objetivam a publicação do que se convencionou denominar “reportagens de história” articuladas com ilustrações diversas. Outras, idealizadas a partir de demandas que surgiram do ambiente acadêmico para divulgar a história para públicos mais amplos, contaram com o engajamento de editores e colaboradores da história e de outras áreas de conhecimento, tendo em suas estruturas de produção conselhos editoriais e consultivos compostos por especialistas, publicando artigos e imagens de fontes. (Perli, 2017, p.3)

Embora nitidamente um dos segmentos estivesse ancorado em pretensões comerciais, ambos os projetos que tem nas revistas *Aventuras na História* (2003- atual) e *Revista de História da Biblioteca Nacional* (2005-2016) os principais expoentes

antagônicos, buscavam de alguma forma levar o conhecimento histórico a linguagem popular.

O projeto da *Aventuras na História* destacava o trabalho de editores e escritores jornalistas com capas atrativas e chamadas apelativas. Muitos jornalistas que escreviam para a revista como Laurentino Gomes e Leandro Narloch são sucesso de vendas, “o que sustentou a concepção de que boas publicações de história, incluindo-se a revista, eram as que vendiam mais.” (Perli, 2021, p.4) Essas produções se enquadram nas criticadas por Malerba (2014) como retrógradas, reacionárias, conservadoras e preconceituosas, além de carecer de bons referenciais de pesquisa historiográfica.

Por outro lado, a *Revista de História da Biblioteca Nacional* nasceu a partir do Conselho de Pesquisa da Biblioteca Nacional como uma demanda do meio acadêmico por divulgação histórica. Seu conselho editorial era formado por historiadores atuantes nas universidades brasileiras, “como resultado, os leitores tiveram acesso a uma revista que conciliou textos de especialistas com ricas imagens de fontes históricas da Biblioteca Nacional.” (Perli, 2017, p.8) Embora não sejam periódicos científicos na área de história, essas revistas apresentam uma tendência de aproximação ao público leitor, bem como uma mudança sensível nos textos escritos por historiadores.

Segundo Roberta Cerqueira (2019), a popularização da Internet na década de 1990 complexificou consideravelmente outros aspectos da produção, como “índices de impacto, indexações, mensuração de citações e outros recursos bibliométricos surgidos na área digital. Novas formas de divulgação das revistas acadêmicas também surgiram.” (Cerqueira, 2019, p.59) Assim, impõem-se mudanças na forma de leitura, de suporte e principalmente de divulgação. Esse é o uso principal das redes sociais digitais pelos periódicos acadêmicos.

Figura 1: Postagem da Revista Varia Historia em 30 de outubro de 2020



Fonte: Instagram, 2020.⁴

A figura 1 nos remete à importância das redes para os periódicos científicos enquanto referência acadêmica. Mais, assinala como esse espaço também é usado para engajamento nas redes e aproximação com o público leitor. Na legenda da publicação em questão o perfil da revista convida o seguidor a relatar suas experiências com o periódico em um convite simples “Já leu algum desses? Conta pra gente nos comentários!”

Em texto editorial da Varia História, a professora Mariana de Moraes Silveira (2022) destaca que a importância da presença dos periódicos científicos nas redes sociais fica explícita quando a atuação nelas passa a ser também um parâmetro de avaliação de alguns editais de fomento. Fachin *et al* (2022) esclarecem que a Scielo propõe novas formas de avaliação considerando o impacto das publicações entre os pares acadêmicos e a sociedade em geral considerando o número de citações em três bases: *Scopus*, *Web of Science* e *Google Scholar*.

Isso quer dizer que, as redes sociais e acadêmicas, podem ajudar a alavancar os indicadores de mensuração da revista, conforme os novos parâmetros SciELO e de citação do Qualis no Brasil, já que prioriza o Google Scholar. (Fachin *et al.*, 2022, p.189)

⁴ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CG-T1ONjA4m/> Acesso em 15 set. 2024.

Nesse sentido, outros usos do conhecimento científico são considerados, analisando as repercussões e a utilização dos dados por toda a sociedade. A figura 1 também as assinala, pois, ao apresentar o quanto a revista é acessada, a postagem exhibe ao seguidor a sua importância para além das redes embora dentro delas também. Ao mesmo tempo que a figura realça os dados de acesso da revista demonstrando o quanto ela é lida, logo referenciada, também destaca – canto inferior da publicação – todas as redes sociais da revista em fundo de cor diferente dos números dos gráficos.

A figura 1 corrobora ainda para as reflexões sobre a circulação dos artigos na comunidade acadêmica. Vale recordar que o uso do formato *Portable Documento Format* – PDF a partir da década de 1990 desencadeou uma verdadeira mudança nas formas de ler e escrever em especial no meio acadêmico. A popularização dessa nova configuração aumentou expressivamente a circulação dos textos pelas inúmeras possibilidades de carregar, guardar e compartilhar cada vez mais diversas e dispersas no decorrer dos anos 2000. Pode-se afirmar que essas mudanças junto ao acesso às revistas pela internet fazem uma revolução nos periódicos sempre em direção à ampliação do público leitor e autor. Os dados de alcance se tornaram mais claros e quantificáveis, como o gráfico (fig. 1) usado na postagem da Varia Historia. Os milhares de acessos aos dossiês dão apenas pista do alcance dos textos pois, é impossível precisar os inúmeros compartilhamentos.

Ao defender o estudo das revistas especializadas de História, Bentivoglio (2017) argumenta que no decorrer do século XX elas são espaços privilegiados de constituição de novos campos, redes de intelectuais, temáticas e metodologias, influenciando sobremaneira na historiografia, haja vista por exemplo as publicações dos *Annales*. A figura 1 também dialoga com essa percepção ao apresentar como dados importantes aqueles dossiês mais lidos contribui para a compreensão dos temas mais importantes para a revista e sua comunidade construindo uma identificação entre os estudiosos ao mesmo tempo em que sinaliza suas esferas de debate.

Figura 2: Duas postagens de 2020, *Revistas Almanack* e *Topoi*



Fonte: Facebook, 2020.⁵

A presença nas redes sociais digitais também impulsionou novas formas de divulgação das publicações como pequenos vídeos com organizadores de dossiês. No destacado na Figura 2, à esquerda, uma das organizadoras do dossiê nº 24 da Revista Almanack o divulga e convida a comunidade a explorar as páginas publicadas. A professora Mariana Dantas argumenta ainda que o tema do dossiê - O Urbano e o Global na Era Moderna em uma perspectiva comparativa - está intrinsecamente ligado ao contexto pandêmico que se vivia e as consequências para cidades em perspectiva ampla, complexa e comparativa que só poderiam ser compreendidas com uma mirada com viés histórico.

Há de se considerar que a construção de dossiês temáticos dialoga com a atualidade de tópicos e demandas tanto dos autores quanto do público leitor que inúmeras vezes se confundem. Nesse cenário, as redes sociais digitais se projetam como uma maneira de ampliar o público e de fomentar a discussão de novos temas ou de pautas sensíveis a sua comunidade num determinado contexto.

⁵Compilação a partir de postagens disponíveis em https://fb.watch/pzE_c0viM8/ e <https://www.facebook.com/revistatopoi/photos/a.235019156618941/3511815895605901/> Acesso em 15 set 2024.

Cerqueira (2019) relembra que o lançamento dos perfis nas redes sociais da revista História, Ciências, Saúde – Manguinhos ocorreu durante manifestações de protesto em 2013, quando diversos historiadores foram convidados para discutir os acontecimentos através de entrevistas divulgadas nas novíssimas redes sociais digitais da revista. Assim, além de publicizar os novos espaços de interlocução e artigos já publicados que dialogavam com o contexto, propunha-se “estender à revista o alto interesse do público pelo tema já em voga como também o incremento das discussões a partir de conhecimentos científicos e análises mais aprofundados.” (Cerqueira, 2019, p. 62)

É nesse sentido que o tempo pandêmico também invade as publicações e iniciativas das revistas científicas de História. A proposta de dossiês ou números temáticos sobre História da Saúde, pandemias na História ou específicos da COVID-19 estiveram presentes em 5 das revistas analisadas como a revista Topoi em setembro de 2020 anunciando a chamada para novo dossiê a ser publicado em 2021 (Fig. 2, à direita).

Considerando das 19 páginas pesquisados no *Facebook*, 12 tem alguma postagem relativa ao contexto pandêmico; dos 16 perfis ativos no *Instagram*, 8 tem postagens com alguma alusão ao tema em diferentes formatos e objetivos, como uma simples divulgação de artigos que tinham alguma relação com temas doenças, epidemias e afins. Nesse mesmo item, entram também publicações que chamam a atenção do seguidor-leitor-autor para a oportunidade de usar o tempo de isolamento físico para a leitura de obras. Nesse caso, algumas revistas usaram como recurso a publicação de dicas de livros que poderiam ser baixados gratuitamente na internet ou usam a oportunidade para divulgar a produção da revista em outros formatos.

A figura 3 é representativa dessa circunstância. A revista Almanack divulgava uma ação no seu canal do *YouTube* em que o tema da efeméride dos 200 anos da Independência do Brasil seria explorado com a fala de três renomados historiadores. O texto que acompanha a imagem divulga dossiê que será lançado e já na primeira frase faz referência ao tempo de isolamento físico quando “grande parte das pessoas estão em suas casas preservando suas vidas e saúde”.

A legenda postada ainda ressalta que as falas do vídeo serão publicadas em dossiê pela revista, no entanto importa refletir que não são iguais aos artigos, especialmente pelo suporte de vídeo, afinal um artigo escrito, (re)pensado, revisado e avaliado por pares é

bem diferente de uma conversa ao vivo. Nesse sentido, mesmo atreladas à produção da revista, as redes sociais digitais das revistas constroem mais que divulgação, legitimando uma nova forma de produção historiográfica que perpassa o repensar sobre o público, o suporte e se entrelaça ao contexto em que é apresentada ao público leitor-autor.

Figura 3: Postagem da Revista Almanack no Facebook em abril de 2020



Fonte: Facebook, 2020⁶

Considerando ainda como o tempo pandêmico invade os periódicos e diversificam a produção nas redes, as revistas científicas de História também propuseram *lives*. O termo em inglês se remete inicialmente a qualquer gravação feita ao vivo, especialmente transmissões televisivas. Lupinacci (2021) acrescenta que o vocábulo havia sido adotado pelos maiores conglomerados do capitalismo digital que passaram a incorporá-lo junto a sites e aplicativos como novas funcionalidades que permitiam aos usuários ver e transmitir vídeos ao vivo. Apesar dos esforços mercadológicos, a adesão até meados de 2020 foi pequena.

6

Disponível em: <https://www.facebook.com/RevistaAlmanack/photos/a.2793088950781119/2959334324156580/> Acesso em 15 set. 2024.

Todavia em tempos pandêmicos essas funcionalidades tomam outra dimensão. O sentido de *live* ou *lives* alude a iniciativas diversas que propunham de alguma forma conectar os sujeitos:

Se a condição existencial do brasileiro passa pela relação com o outro, a quarentena trouxe um profundo e doloroso corte na nossa forma de existir. É nesse contexto que as *lives* adquirem novo sentido. Tornam-se rapidamente uma possibilidade — a única, em alguns casos — de viver novamente as situações de coletividade desejadas. Representam, mesmo que de forma diferente, a alternativa possível de se ter acesso aos sentidos interrompidos de identificação e pertencimento. As *lives* assimilaram aspectos importantes de coletividade, sugerindo mobilização, sensação de pertencimento e legitimação. (Perez *et. al*; 2021, p.2)

Na esteira das reflexões apontadas por Henrique (2020) grande parte dos brasileiros estava em isolamento físico, e não social, sendo as *lives* nos diversos âmbitos como mais uma forma de unir os pares. Apesar das *lives* de entretenimento logo serem arrebatadas por grandes marcas — principalmente de bebidas alcoólicas —, é pertinente pensar que a difusão desses eventos está intrinsecamente ligada a um período em que as comunidades estavam apartadas. Como apresentou Lupinacci (2021), a utilização dessas funcionalidades não se limitou a eventos midiáticos e/ou comerciais, mesmo na esfera familiar, os brasileiros aderiram a eventos pequenos de modo a congregar e reunir.

É preciso ressaltar que as *lives* das revistas não objetivavam apenas a um pretenso momento de união entre os pares. Há a importante iniciativa de troca e diálogo. As *lives* como as transmissões televisivas dão a possibilidade de o usuário assistir ao mesmo tempo ou, caso disponíveis, após a sua transmissão. Assisti-las ao vivo permite ao usuário interagir com outros através das ferramentas de chat e de engajamento⁷. A partir dessas interações acontece uma troca entre os seguidores e o perfil da revista.

A figura 4 reproduz a imagem que foi publicada no perfil da Revista de História da USP como forma de marcar a primeira *live* feita pelo periódico em 07 de maio de 2020, eventos que se tornaram semanais durante o isolamento físico. Nesses eventos autores são entrevistados, e durante período que o antecede, a produção do entrevistado é destaca

⁷ Nas redes sociais digitais, durante as *lives* os usuários podem se manifestar através do envio de símbolos como coração, palmas e outros, além de permitir comentários ao vivo por escrito, o que gera toda uma conversa entre os visualizadores e destes com os protagonistas da *live*.

nas redes sociais da revista. A divulgação dos artigos pelos periódicos e as entrevistas dão a oportunidade aos autores de falar de aspectos da pesquisa que, pelo limitado espaço no artigo, não estão ali presentes.

Na figura 4, por exemplo, as perguntas dos seguidores são respondidas com novas formas de interação, tanto ao vivo – as interações aparecem junto à foto dos interlocutores – quanto posteriormente com comentários à publicação. Nesse sentido, seria possível afirmar que as transmissões de debates acadêmicos, palestras e discussões podem ter criado, através de seus públicos, comunidades com linguagem comum que permitem o debate entre indivíduos ao mesmo tempo em que os une, mesmo isolados em suas casas. (Pereira; Marques; Ramalho, 2022)

Figura 4: Postagem Revista de História da USP em maio de 2020



Fonte: Instagram, 2020.⁸

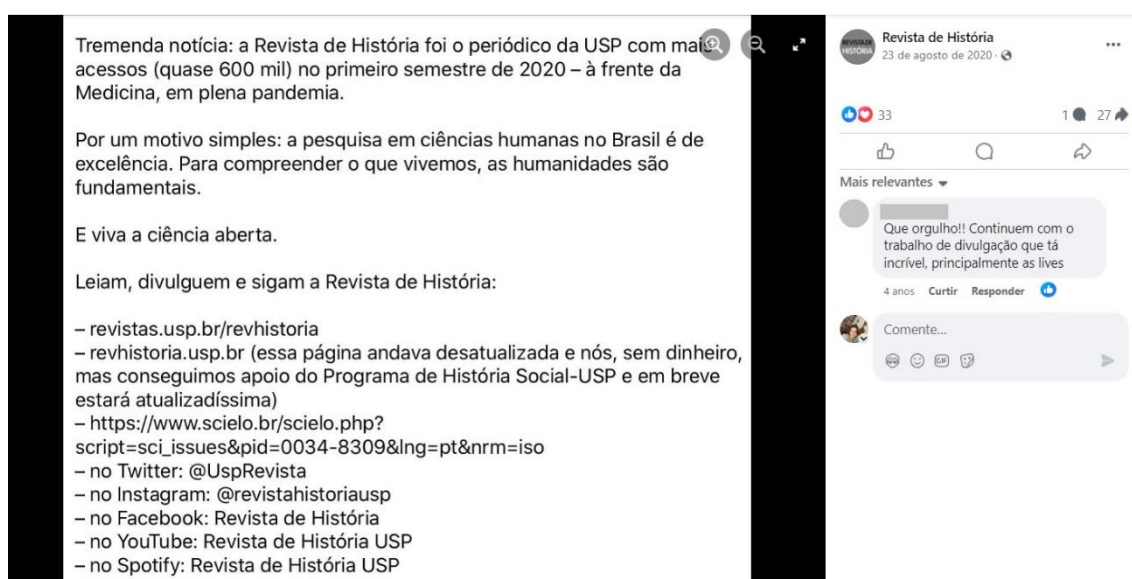
Destaca-se que não se trata apenas de uso de uma nova funcionalidade em um contexto específico, mas, sim de uma postura que coloca o interlocutor acadêmico na posição de diálogo com o público.

⁸ Disponível em https://www.instagram.com/p/B_55Lz0HTQL/ Acesso em 15 set. 2024.

É verdade que um tema não se torna acessível pelo simples fato de estar disponível de forma aberta online; se a sua linguagem não é acessível, isto continuará limitando o público. No entanto, as *lives* ocorridas em redes sociais como *Facebook* e *Instagram* já são um grande passo em direção à expansão do alcance dos temas discutidos, pois os eventos já não se limitam mais a um espaço físico, como o da universidade, mas pode ser acessado por qualquer pessoa através de um computador ou smartphone. (Pereira; Marques; Ramalho, 2022, p.268)

Na visão dos autores a adesão às *lives* também surge como um ponto de mudança em relação à linguagem. Esses eventos por si só já apresentam outra forma de dizer com outro ritmo, bem menos formal. O tempo pandêmico ainda impunha a invasão da esfera pública na privada e a exigência de novíssimos conhecimentos técnicos que transparecem quando o autor entrevistado inicia sua fala apontando o ineditismo em estar naquele espaço ou algum evento/imprevisto cotidiano invade a tela.

Figura 5: Postagem da Revista de História da USP em agosto de 2020



Fonte: Facebook, 2020⁹

Esses canais de interlocução que extrapolam a esfera da escrita e leitura também impulsionam novas formas de discussão, conhecimento e divulgação das pesquisas através de redes sociais digitais que circulam diferentes formatos de conteúdo principalmente os agregadores de áudio como *Spotify* e *Deezer*. Neles, para além da

⁹ Disponível em <https://www.facebook.com/revhist/photos/a.688041041213071/3861448540538956/>
Acesso em 15 set. 2024.

imagem e do texto escrito, outros formatos de conteúdo que partem da publicação da revista, mas não é limitada por ela.

Na figura 5, a revista comemora o número de acessos durante o período da pandemia e divulga os diversos espaços em que a produção pode ser acessada. Lá estão também o canal do *YouTube* e os *podcasts* da revista no *Spotify*. Outras revistas também mantêm perfil nesse agregador, seus *podcasts* apresentam as entrevistas já feitas por diversas ocasiões em outras plataformas como o *YouTube* num outro formato.

A imagem além de arrolar esses espaços transparece uma questão financeira clara, pois o site oficial da revista “andava desatualizado” por falta de recursos financeiros. Embora não seja objetivo desse trabalho importa destacar que é preciso sensivelmente debater quem faz, como faz, quanto (e se) recebe pelo trabalho cansativo e especializado de manter as redes sociais das revistas ativos e atuantes. Considera-se aqui pensar nos custos para a produção da revista financeiros ou não. Pois todo o processo de publicação e divulgação está atrelado à dedicação de tempo e conhecimento de professores que, vinculados a universidades, somam mais essa demanda à agenda de aulas, orientações, pesquisas e produção acadêmica.

Talvez os custos financeiros e a falta de pessoal impeçam que mais dos diversos objetos produzidos pelas revistas acadêmicas sejam divulgados, conhecidos e utilizados. Cita-se aqui como exemplo as planilhas elaboradas pelos bolsistas da revista *Varia História* que categoriza toda a produção da revista e foram divulgadas uma única vez nas redes sociais da revista em 06 de julho de 2020¹⁰. Essa importante iniciativa merece aqui ser divulgada pela qualidade e abrangência do trabalho.

Percebeu-se por fim que como o tempo pandêmico que foi perscrutado por inúmeros desafios e ameaças, as revistas também mantêm uma produção em altíssimo nível tanto no que concerne aos artigos publicados quanto aos diversos produtos engendrados por elas e foram aqui destacados. No entanto, vencer esses obstáculos com criatividade e afinho não estão limitados a um período.

¹⁰ A publicação pode ser acessada em <https://www.facebook.com/variainistoria/photos/a.545461352219381/2893456987419794/> e as planilhas em <http://bit.ly/planilhastematicasvariainistoria> Acessos em 15 set. 2024.

Conclusão

O interesse pela temática histórica sempre esteve presente haja vista aí os diversos objetos culturais que fazem alusão a História: novelas, filmes, livros até jogos de tabuleiro. O mercado construiu iniciativas comerciais para explorar esse interesse durante a década de 1990 traduzido também em revistas de História com belas imagens, mas conteúdo duvidoso. Destacou-se aqui como exceção a proposta editorial da Revista de História da Biblioteca Nacional como uma iniciativa pioneira de divulgação científica de História propondo apresentar ao público não-especializado pesquisas acadêmicas junto a imagens belíssimas do acervo da Biblioteca Nacional. Apesar dessa iniciativa não ser longínqua, ela demonstra a preocupação com a formação de um público leitor-autor para as revistas de História.

As revistas especializadas de História, por outro lado, também têm construído iniciativas para apresentar novas possibilidade de ampliação e aproximação com o público leitor-autor que envolveram especialmente iniciativas digitais. Como foi destacado, a maioria das revistas acadêmicas já estava presente nas redes sociais digitais antes do período pandêmico, construindo novos objetos e conteúdos que apesar de ligados aos produzidos para a circulação editorial não se limitam a eles. O impacto dessas iniciativas dentro do contexto da pandemia da COVID-19 (2020-2021) foi o mote principal desse trabalho que almejou apresentar como a presença nas redes sociais digitais foi impulsionada em um período que a comunidade acadêmica esteve apartada, assim iniciativas inovadoras foram arregimentadas usando as funcionalidades disponíveis nas redes sociais digitais como as *lives*, a produção de vídeos e *podcasts*.

O trabalho, conteúdos e produtos digitais que as revistas acadêmicas constroem para a rede merecem maior visibilidade por envolver o trabalho inúmeras vezes voluntário de uma equipe sobrecarregada. Num momento em que se discute o fim do fator Qualis para as publicações (Miguel, 2024), as análises quantitativas e qualitativas aqui empreendidas ajudam a compreender como os campos de atuação e impacto das revistas acadêmicas de História se revestem de inúmeras camadas e meandros. Limitados, os trabalhos das revistas acadêmicas de História podem descambar para a elitização do acesso e produção do conhecimento.

Referências bibliográficas

- Alvarenga, P.; Silva, A. C. S.; Coutinho D. G. V.; Freitas, L. M. A., & Soares, Z. F. (2020). *As crianças e a COVID-19: 10 dicas simples que ajudam os pais a lidar com o período de isolamento e quarentena*. Salvador: UFBA. 2020
- Bentivoglio, Julio. Revistas de História: objeto privilegiado para se estudar a história da historiografia?. In: Arrais, Cristiano Pereira Alencar; Bentivoglio, Julio (orgs.). *As revistas de história e as dinâmicas do campo historiográfico*. Serra/ES: Editora Milfontes, 2017, p. 7-31.
- Carvalho, Bruno Leal Pastor de; Teixeira, Ana Paula Tavares. Introdução: os lugares do historiador-divulgador. In: Carvalho, Bruno Leal Pastor de; Teixeira, Ana Paula Tavares (orgs.). *História pública e divulgação de história*. São Paulo/SP: Letra e Voz, 2019. p. 9-24
- Carvalho, Bruno Pastor Leal. História e historiadores na vulgarização científica do Brasil oitocentista: as “Conferências Populares da Glória”. *Hist. Historiogr.*, Ouro Preto, v. 14, n. 37, set.-dez. 2021. p. 135-170
- Cerqueira, Roberta. Pesquisa publicada é pesquisa divulgada? A experiência de divulgação da revista História, Ciências, Saúde – Manguinhos e seus públicos. In: Carvalho, B. L. P. de; Teixeira, A. P. T. *História pública e divulgação de história*. São Paulo/SP: Letra e Voz, 2019. p. 55-72
- Dos Santos, Wagner Geminiano. *A INVENÇÃO DA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA PROFISSIONAL, ACADEMICA: geografia e memória disciplinar, disputas político-institucionais e debates epistemológicos acerca do saber histórico no Brasil (1980-2012)*. 2018. 438f. Tese (Doutorado em História). Departamento de História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.
- Fachin, Juliana; Werlang, Elisabete; Araújo, Ronaldo Ferreira; Blattman, Ursula. Visibilidade, atenção online e impacto das interações nas publicações científicas. *Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação*, Rio Grande v. 36, n. 01, jan./jun. 2022, p. 184-205
- Lupinacci, L. “Da minha sala pra sua”: teorizando o fenômeno das lives em mídias sociais. *Galáxia* (São Paulo), n. 46, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/gal/a/3B9LNCpBGMn8R7Ppw6vBHPh/> Acesso em 16 jan. 2024.
- Malerba, J. Acadêmicos na berlinda ou como cada um escreve a História?: uma reflexão sobre o embate entre historiadores acadêmicos e não acadêmicos no Brasil à luz dos debates sobre Public History. *História da historiografia*, Ouro Preto/MG, n. 15, ago/2014. p. 27-50.
- Miguel, Luis Felipe. *De novo, o fim do Qualis*. [s.l.] 26 set. 2024. Instagram: @lfelipe.miguel. Disponível em: https://www.instagram.com/p/DAYL5_gJTSt/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA== Acesso em 26 set. 2024.
- Pereira, Mateus; Marques, Mayra; Ramalho, Walderez. O atualismo chega à História? Virtualização do ofício do historiador durante a pandemia de Covid-19 (2020). In: Nicodemo, Thiago Lima; Rota, Alesson Ramon; Marino, Ian Kisil. *Caminhos da história digital no Brasil*. Vitória/ES: Editora Milfontes. 2022. p. 258-282
- Perez, Clotilde; Sato, Silvio; Pompeu, Bruno; Orlandini, Rafael. Os sentidos das lives no contexto da pandemia: do escapismo e da filantropia às lógicas identitárias. *Galáxia* (São

- Paulo, online), v. 47, 2022, pp.1-23. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/gal/a/48dQ8C6mXXn6CtRbHnjFQTD/> Acesso em 29 set. 2024.
- Perli, F. “E ao grande público precisamos nos dirigir”: historiadores e jornalistas em revistas de divulgação histórica. [s.l: s.n.]. *Anais XXIX Seminário Nacional de História*. Brasília/DF. 2017 Disponível em: https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1502922860_ARQUIVO_Perli.pdf. Acesso em 29 set. 2024.
- Perli, Fernando. Projetos editoriais e mediações do passado: a experiência brasileira em uma cartografia de revistas de divulgação histórica. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v. 47, n. 2, maio-ago. 2021. p. 1 -12. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/iberoamericana/article/view/39017/27040> Acesso em 29 set. 2024.
- Recuerdo, Raquel. *A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina, 2012.
- Recuerdo, Raquel. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- REVISTA DE HISTÓRIA USP. *A Revista de História está na rede*. [s.l]: Revista de História da USP, 2020. 1 vídeo (1min 46s) Disponível em <https://youtu.be/p5qKDrLxDcQ> Acesso em 15 set. 2024.
- Sá; Dominichi Miranda; Sanglard, Gisele; Hochman, Gilberto; Kodama, Kaori. *Diário da Pandemia: o olhar dos historiadores*. São Paulo/SP: Hucitec Editora. 2020.
- SCIENTIFIC ELETRONIC LIBRARY ONLINE (SciELO). *Critérios, política e procedimentos para a admissão e a permanência de periódicos científicos na Coleção SciELO Brasil*. São Paulo: SciELO, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/HNvPmkhhgkm6Sngghmn6Xmkq> Acesso em 16 jan. 2024.
- Silva, Bruna. *Associações De Historiadores No Brasil: A SBPH entre lugares, normas e grupos (1961-2005)*. 2019. 293f. Tese (Doutorado em História). Unioeste, Marechal Rondon/PR. 2019.
- Silva, Sabrina Maria Barbosa Quintiliano e; CORDEIRO, Tenório. “Seguindo!” Marketing digital, *Instagram* e consumo. *Cadernos de Gestão e Empreendedorismo*, v. 8, n. 2, 1 ago. 2020. p. 153-164
- Silveira, Mariana de Moraes. Editorial: Periódicos e redes sociais: Desafios e possibilidades. *Varia Historia*, Belo Horizonte, vol. 38, n. 78, set/dez 2022. p. 637-642.
- Vergara, Moema de Rezende. Contexto e conceitos: história da ciência e "vulgarização científica" no Brasil do século XIX. *Interciencia*, vol. 33, núm. 5, mayo, 2008, pp. 324-330.



Os direitos de licenciamento utilizados pela Revista Histórias Públicas é a licença Creative Commons Attribution-Non Commercial 4.0 International (CC BY-NC-SA 4.0)

Recebido em: 31/01/2024
Aprovado em: 30/09/2024